

JOÃO MIGUEL HENRIQUES AUTOPOÉTICA (SEGUIDA DE POEMAS)

Convidamos o novíssimo escritor português João Miguel Henriques para expor uma autopoética. Demos-lhe, como pretexto, algumas questões vagas como a criação como projeto consciente (de poema, de livro ou de obra como um todo) ou produto intuitivo ou circunstancial; a relação com a recepção, e o fazer poético (pistas de método, tendências formais, temática, intertextos etc.), para que ele mapeasse seu trabalho em início de carreira. Seleccionamos ainda alguns textos de sua poesia, de modo que os leitores tivessem uma ideia preliminar de seus versos.

Nascido em Cascais (1978), Portugal, doutorou-se em Teoria Literária pela University of Edinburg (Escócia). Publicou *O sopra da tartaruga* (Lisboa, 2005), *Entulho* (São Paulo, 2010), e participou intensamente do Tordesilhas: Festival Ibero-Americano de Poesia Contemporânea. Boa parte de seus poemas (e reflexões sobre produção e publicação em periódicos literários) pode ser encontrada no blogue *Quartos escuros* (www.quartosescuros.blogspot.com).

Falar sobre a minha própria escrita não é tarefa simples, principalmente tendo em conta que eu sempre confiei que os próprios textos pudessem desempenhar esse papel, ou seja, que os próprios poemas, isolados ou no seu conjunto, pudessem eles mesmos elucidar algumas das facetas da escrita, escusando-me desse modo de um pesado processo de auto-reflexão. Mas claro que nem todos os poemas funcionam como poéticas, tal como poucos são os edifícios que, estando acabados, nos revelam as incidências da sua construção.

Começando pela questão do fazer poético enquanto projecto consciente ou, pelo contrário, produto intuitivo ou circunstancial, eu diria que, no meu caso pessoal, existe muitas vezes um estado de espírito que poderia de certo modo chamar-se de predisposição para o acto poético, o que talvez constitua um território intermédio entre o projecto absolutamente consciente e o produto de um momento de pura inspiração circunstancial. O que me parece é que, embora eu não tenha um horário para escrever e

raríssimas sejam as ocasiões em que eu decido conscientemente que irei escrever um texto, a verdade é que, quotidianamente, no convívio com as pessoas ou com os livros, existe muitas vezes em mim uma espécie de atenção especial ao potencial poético (tantas vezes lírico) de um motivo, de uma situação ou de um registo de linguagem. Isto significa que, apesar de o poema surgir em certa medida circunstancialmente, no encontro entre uma disposição minha e certa influência exterior e inspiradora, a verdade é que o próprio intelecto está muitas vezes (talvez conscientemente) preparado para perceber a possibilidade poética de um ou outro momento, como o caçador que passeia no bosque, preparado para o confronto com uma presa. Não resisto aqui a citar um breve mas belíssimo poema do brasileiro Fábio Aristimunho, poema esse com o qual sempre me identifiquei e que tem o tal mérito auto-reflexivo de que falava no início:

Barangueiro
(até) de idéias:
não fale perto
senão eu cato.

É claro que, uma vez iniciada a escrita, aquilo que para mim começou por ser um momento de iniciativa circunstancial passa a constituir um processo relativamente consciente de construção de um poema, se bem que raramente seja possível prever como irá resultar o texto no final. Por fim, na organização de um livro ou de qualquer tipo de reunião de textos, já é indesmentível a consciência do projecto, muitas vezes resultando na alteração dos textos e nas várias tentativas de lhes conferir alguma ordem ou unidade. Mas claro que, entre o que é deliberado e o que é circunstancial, tem cada texto a sua própria história e sua génese particular.

Sugere-me o meu bom amigo Paulo Roberto que eu fale também um pouco da minha relação com a recepção dos meus poemas, assunto que, apesar de em termos genéricos envolver alguns pontos complexos, não é no meu caso excessivamente delicado. E isto por duas razões essenciais: por um lado, não sou muito lido, e por outro lado, tanto quanto suspeito, a esmagadora maioria das pessoas que eventualmente não terão gostado dos poemas foram simpáticas ao ponto de não mo dizerem. Houve um tempo inicial em que eu procurei convencer-me de que não era de facto importante se os meus poemas fossem alguma vez lidos ou não. Julgo que foi essa convicção pré-adolescente

que fez com que eu nunca mostrasse ou muito menos lesse versos a quem quer que fosse. Cheguei a acreditar que um poema na gaveta não deixava de ser um poema e de ter a sua válida, ainda que desconhecida, existência. Mas é claro que a maturidade fez-me abrir os olhos e hoje tenho de admitir ser alguém que dá à recepção dos textos alguma importância, ainda que sem exageros. Querer publicar em 2005 pela primeira vez partiu acima de tudo de um desejo de ser lido, tal como o projecto de um blogue iniciado em finais de 2003. Em Portugal, tirando os círculos de amigos e familiares, são os poetas quem lê os poetas, pelo que a minha relação pessoal com a recepção é também uma relação de descoberta de outros poetas até então desconhecidos, por meio de troca de textos e comentários. Foi isso em parte que aconteceu entre mim e o poeta Paulo Roberto Sodré.

Falo por fim do fazer poético em si, regressando parcialmente a algumas das observações iniciais. Julgo não ter nenhum método particular de escrita, mas confesso que muitas vezes o poema, antes de qualquer construção na página, é quase por completo formado na cabeça. Como não sou do género de pessoa que saque do papel e da caneta em qualquer ocasião, dou por mim a escrever os versos na cabeça para depois redigi-los com maior tranquilidade numa ocasião posterior. Ou então fico com uma imagem ou uma formulação poética memorizada na cabeça e só depois a procuro desenvolver sossegadamente em casa. Nunca fui de grandes alterações, pelo que a primeira versão é quase sempre muito parecida à versão final. Mesmo quando altero um ou outro vocábulo ou estrutura, apenas o faço à distância de semanas ou meses. Não se trata de qualquer crença na pureza original do primeiro momento, é apenas assim. Essa obsessão pela reescrita, essa absoluta necessidade que encontramos em poetas como Carlos de Oliveira, sempre me pareceu um fardo pesadíssimo. Quanto a opções formais, considero-me um poeta algo simplório. Sempre preferi o verso livre à rima, embora as minhas primeiras incursões, ainda em criança, tenham sido sempre actos de imitação ou glosa a partir das formas clássicas dos poetas canonizados. Em muita da minha poesia, corresponde o verso a unidades sintagmáticas ou a formulações acabadas, adaptando-se depois a estrutura ao peso de uma palavra ou à relevância de uma ideia. Não costumo cultivar a forma de modo consciente ou excessivamente trabalhado, preferindo mais dedicar-me ao encadeamento das palavras e à escolha vocabular. Quanto às temáticas mais presentes, quase que me apetece desafiar-vos à leitura, para que possam,

seguramente melhor do que eu, avaliar de que falam afinal os poemas. Julgo que sou um pouco influenciado pelo exercício da memória, por aqueles instantes ou palavras que despertam a recordação de um dado momento passado. Mas considero-me, de certo modo, um ficcionista, pelo que muitas vezes o passado é recuperado ficcionalmente, ou seja, não tanto ao nível do que aconteceu mas mais do que poderia ter acontecido. É esta queda para efabulação que me faz também recriar certos episódios ou encarnar figuras absolutamente distintas da minha pessoa extra-poética. Na linha daquilo que vos confessei no início, eu sinto um grande fascínio por determinadas formulações linguísticas menos habituais ou por situações do quotidiano que possam sugerir alguma espécie de verdade ou conclusão maior, mesmo se este seja um exercício falacioso. Por isso aproveito muitas vezes aquilo que me é deixado pelo dia, quer sejam palavras ou impressões, para depois reconstruí-las em textos. O quotidiano é portanto também uma temática presente na minha poesia, se bem que em Portugal a expressão „poesia do quotidiano” tenha nos últimos anos ganho conotações algo negativas. A natureza, em textos de exercício mais descritivo, e algum (fraco) conhecimento pessoal são também, aqui e ali, motivos com alguma importância. Para além disto, poderia apenas acrescentar que me considero pouco arrojado em termos de novas propostas formais e mais ligado ao peso da mensagem no poema, ao peso de um ou outro vocábulo em particular. Espero que me possam vir a ler em livro, no meu blogue *Quartos Escuros*, ou numa pequena amostra publicada na revista electrónica *Zunái*.

*Viana do Alentejo,
Setembro de 2008*

ALGUNS POEMAS¹:

Acácias em chama

em cores brutais
de outono imenso
tive sonhos de acácias em chamas
perpetuadas por densos fogos fátuos
febris como ameixas amarelentas
em calda antiga

acácias em chamas inteiras
e para sempre

Prometeram-nos bombas

prometeram-nos bombas
os mentirosos.
perdeu-se uma boa ideia
eu tenho pena

o deserto atômico
ter-nos-ia ensinado
a morrer desprevenidos.
e passado o inverno rigoroso
eu teria regressado um cão.
sim, um cão pardo
triste e escanzelado
a farejar os restos insondáveis
da casa dos meus pais.
perdido na poeira dos mortos
entregue a tudo
os olhos humedecidos
amarrados a mim mesmo
pelas patas da frente

À sombra das amoreiras tenras

à sombra das amoreiras tenras
lembras-te dos dias antigos
sabe-te bem recordar os tempos idos.
e no teu corpo cheio
deixas que se abram portas,
janelas com vista para o abandono.
ao cair a luz mais pequena
sobre o jardim das amoreiras
é possível carregar esse corpo
por alguns dias mais

vais ver
nada irá deter a maré cheia

Amor paternal

o meu pai pegou-me ao colo
e apertou contra os seus
os meus parcos ossos tenros
(um acto de amor puro)

vinte e cinco anos mais tarde
descubro por radiografias
uma ligeira escoliose nas costas
e não pareço importar-me

é que a um pai perdoa-se tudo
e esta escoliose minha
não mais é que uma gota
no oceano de um amor paternal

A compreensão do frio

início esta tarde
a compreensão do frio

do frio sobre os telhados
sobre as pedras dos caminhos
o frio urgente
dos teus dedos e face

o frio é a origem simples
de tudo quanto pesa ou flutua.
do teu corpo por cima do meu
dos meus lábios
chamando por ti

Faroleiro

consigo sondar do meu quarto
da janela virada mais a sul
a névoa trazida pela água.
e pressinto luzes
focos de barcos
para além da neblina

acendo a lanterna
e sussurro baixinho
as palavras de aviso

as palavras capazes
de orientar gente
cansada do escuro

A cada qual o seu

a cada homem
o seu nome
a sua sina

a cada tartaruga
o seu sopro
o seu padrão
de carapaça

¹ HENRIQUES, João Miguel. *O sopro da tartaruga*. [Lisboa]: Satelicor, 2005.